

A photograph of a person's hands writing in a notebook. The person is holding a black pen and writing on a white page. The notebook is open, and the pages are blank. The background is a light-colored surface. The image is overlaid with a yellow and grey graphic design on the right side.

LER E ESCREVER

NA UNIVERSIDADE

**Laboratório de leitura
e produção textual**

ROZIANE KEILA GRANDO

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

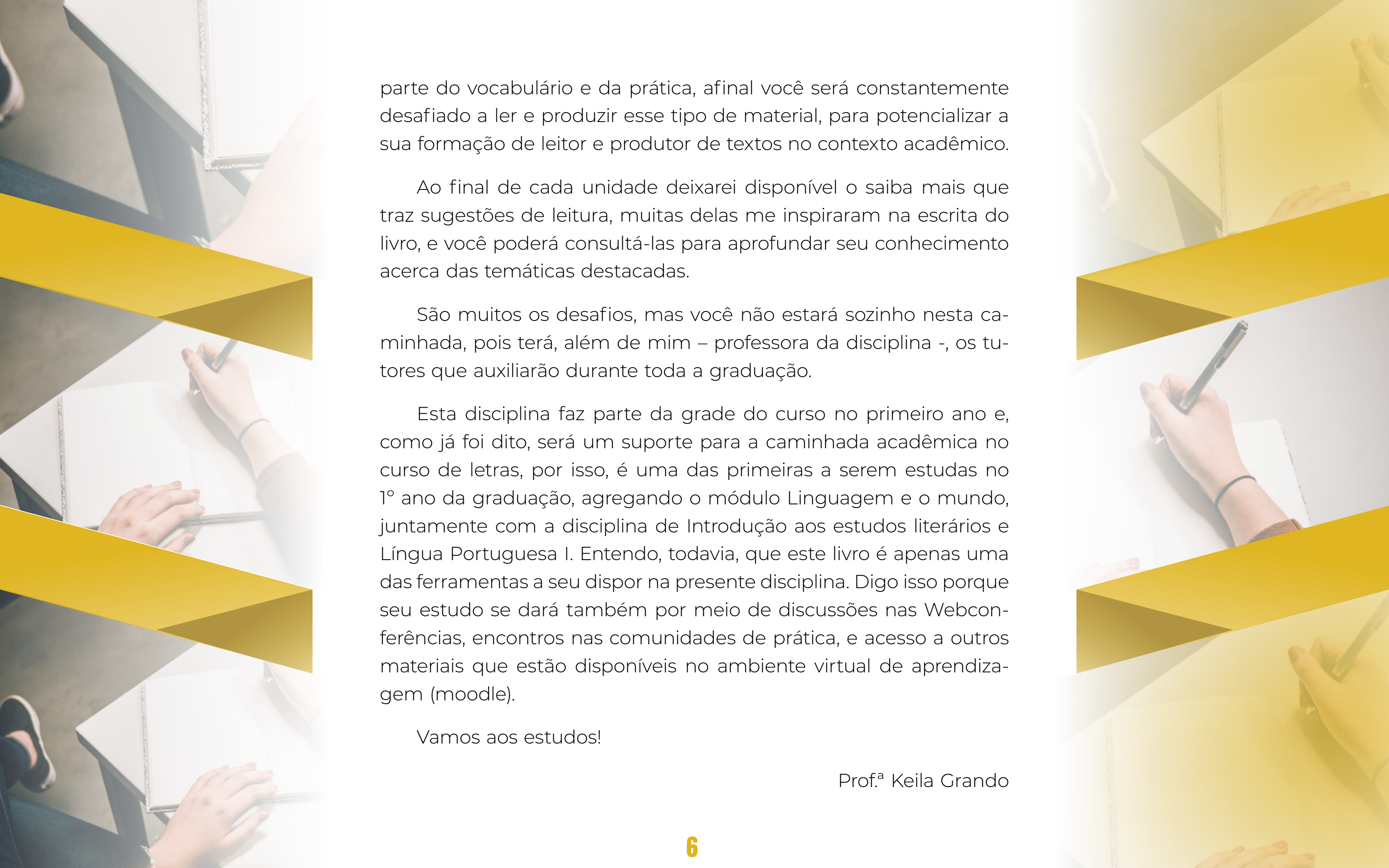
Ao iniciar sua graduação no curso de Letras Português na modalidade EaD alguns conhecimentos e habilidades serão exigidos, e o presente livro pretende ser uma base inicial para o **Letramento acadêmico**.

Então, seja muito bem-vindo à experiência da disciplina de Laboratório de leitura e produção de textos, em um processo de construção do conhecimento com múltiplas tecnologias.

Intenciono, com o livro, proporcionar o contato com algumas definições, características que englobam a leitura e a produção de textos no universo acadêmico do graduando em Letras. Para isso, apresentarei conceitos e questões pertinentes que o acompanharão por toda a graduação.

Em muitos momentos farei uma breve explicação sobre os **gêneros do discurso** que são mais solicitados e utilizados na graduação. Aqui você perceberá que a compreensão sobre o que é um texto está intimamente ligada à utilização de teorias do texto que percorrem a linguística textual (algo já estudado na disciplina de Língua Portuguesa I) bem como ao uso de tais textos para a finalidade da produção acadêmica.

Quando concluir a disciplina, palavras como gênero, multimodalidade, textos acadêmicos: resenha, resumo e fichamento farão



parte do vocabulário e da prática, afinal você será constantemente desafiado a ler e produzir esse tipo de material, para potencializar a sua formação de leitor e produtor de textos no contexto acadêmico.

Ao final de cada unidade deixarei disponível o saiba mais que traz sugestões de leitura, muitas delas me inspiraram na escrita do livro, e você poderá consultá-las para aprofundar seu conhecimento acerca das temáticas destacadas.

São muitos os desafios, mas você não estará sozinho nesta caminhada, pois terá, além de mim – professora da disciplina -, os tutores que auxiliarão durante toda a graduação.

Esta disciplina faz parte da grade do curso no primeiro ano e, como já foi dito, será um suporte para a caminhada acadêmica no curso de letras, por isso, é uma das primeiras a serem estudadas no 1º ano da graduação, agregando o módulo Linguagem e o mundo, juntamente com a disciplina de Introdução aos estudos literários e Língua Portuguesa I. Entendo, todavia, que este livro é apenas uma das ferramentas a seu dispor na presente disciplina. Digo isso porque seu estudo se dará também por meio de discussões nas Webconferências, encontros nas comunidades de prática, e acesso a outros materiais que estão disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem (moodle).

Vamos aos estudos!

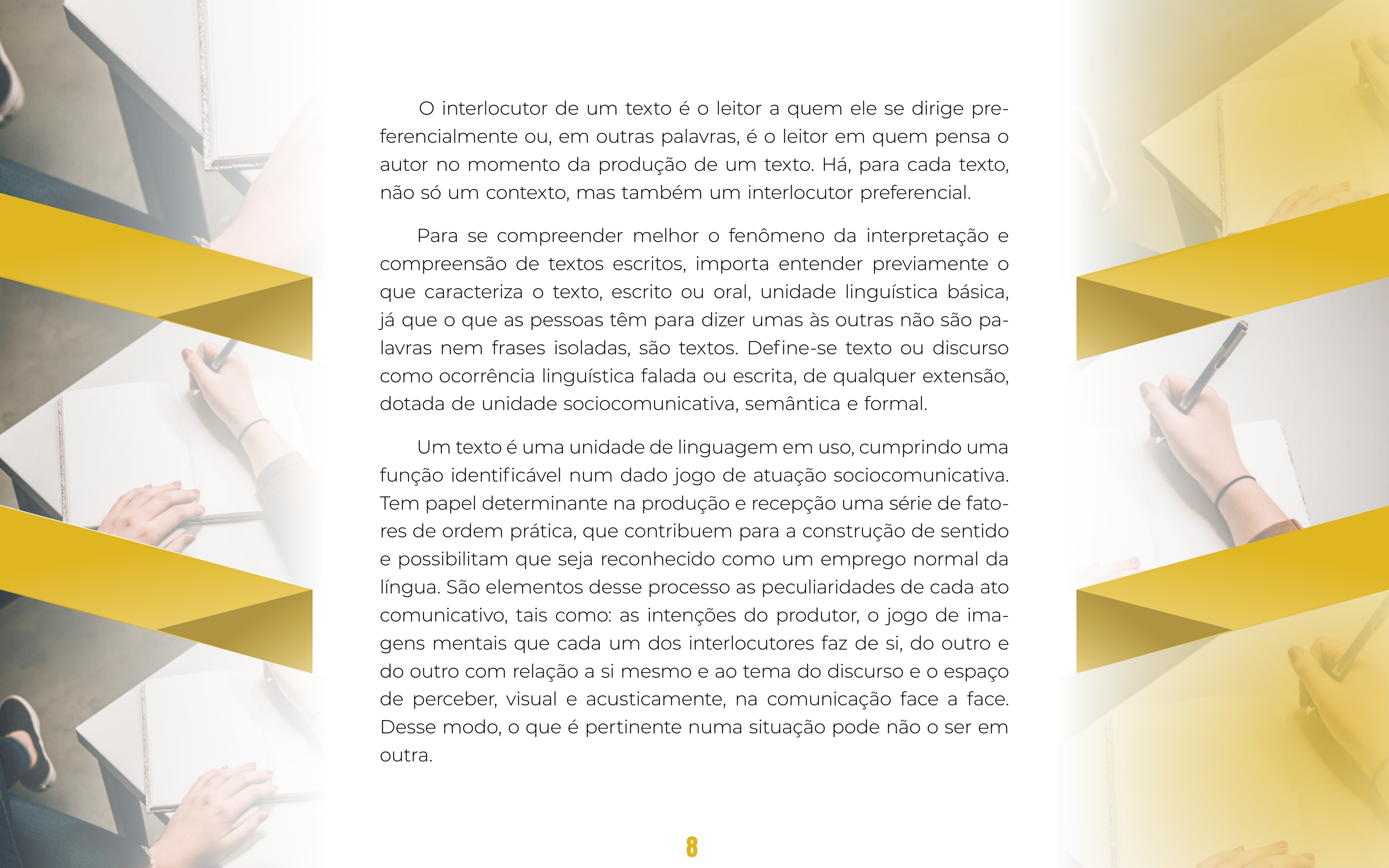
Prof.^a Keila Grandó

1. TEXTO, CONTEXTO E DEFINIÇÃO DE TEXTO *

Um texto é uma manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta (contexto), com determinada intenção.

Imagine-se a seguinte situação: você está passando pela rua e, diante de um edifício, vê alguém que sai correndo e grita: FOGO! Nessa circunstância, a palavra fogo adquire um significado mais abrangente para você do que a mera referência a um processo de combustão. Sua interpretação será a de que há algo se incendiando naquele edifício e a pessoa que dele saiu correndo tenta, ao gritar, alertar outras pessoas e, se possível, conseguir ajuda. A pessoa está, com o grito, realizando uma manifestação linguística; a situação concreta é o edifício que pega fogo e a intenção é a de avisar outras pessoas do perigo e conseguir socorro. Logo, nessa situação específica, Fogo! É tomado como um texto. O que dá sentido a um texto é, portanto, a combinação destes fatores: o linguístico, o contextual e o intencional.

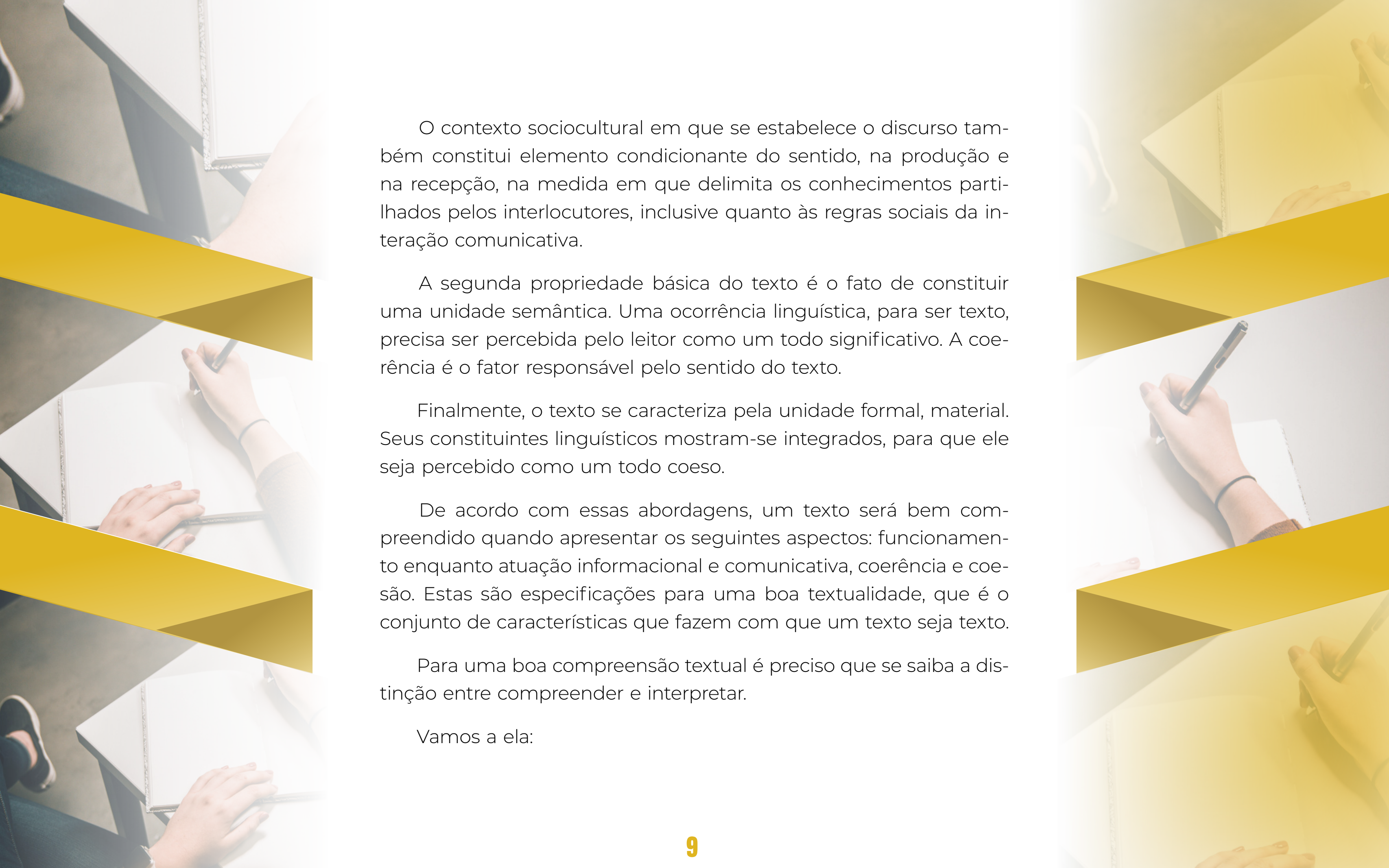
Há, ainda, considerar outro importante aspecto ao falar sobre texto. Ele é sempre dirigido a alguém. A situação de produção de um texto supõe a existência de um interlocutor a quem ele se dirige. Isso também é evidenciado no exemplo que dei acima. A pessoa que grita espera ser ouvida e compreendida por outras pessoas. São estabelecidos diferentes tipos de interlocução no momento de produção do texto, e se diz que o sentido dos textos é construído na interação entre o autor e o interlocutor a quem se destina.



O interlocutor de um texto é o leitor a quem ele se dirige preferencialmente ou, em outras palavras, é o leitor em quem pensa o autor no momento da produção de um texto. Há, para cada texto, não só um contexto, mas também um interlocutor preferencial.

Para se compreender melhor o fenômeno da interpretação e compreensão de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística básica, já que o que as pessoas têm para dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. Define-se texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Tem papel determinante na produção e recepção uma série de fatores de ordem prática, que contribuem para a construção de sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua. São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como: as intenções do produtor, o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso e o espaço de perceber, visual e acusticamente, na comunicação face a face. Desse modo, o que é pertinente numa situação pode não o ser em outra.



O contexto sociocultural em que se estabelece o discurso também constitui elemento condicionante do sentido, na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, inclusive quanto às regras sociais da interação comunicativa.

A segunda propriedade básica do texto é o fato de constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência linguística, para ser texto, precisa ser percebida pelo leitor como um todo significativo. A coerência é o fator responsável pelo sentido do texto.

Finalmente, o texto se caracteriza pela unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos mostram-se integrados, para que ele seja percebido como um todo coeso.

De acordo com essas abordagens, um texto será bem compreendido quando apresentar os seguintes aspectos: funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa, coerência e coesão. Estas são especificações para uma boa textualidade, que é o conjunto de características que fazem com que um texto seja texto.

Para uma boa compreensão textual é preciso que se saiba a distinção entre compreender e interpretar.

Vamos a ela:

Quadro 1 – Diferença entre compreensão de texto e interpretação

Compreensão ou intelecção de texto	Interpretação de texto
Consiste em analisar o que realmente está escrito, ou seja, coletar dados do texto. O enunciado normalmente assim se apresenta:	Consiste em saber o que se infere (conclui) do que está escrito. O enunciado normalmente assim se apresenta:
As considerações do autor se voltam para...	O texto possibilita o entendimento de que...
Segundo o texto está correta...	Com apoio no texto, infere-se que...
De acordo com o texto, está incorreta...	O texto encaminha o leitor para...
Tendo em vista o texto, está correta...	Pretende o texto mostrar que...
O autor sugere ainda que...	O texto possibilita deduzir que...
No texto, o autor afirma que...	

Fonte: A autora.

Os três erros comuns na análise de texto

Imagine-se na função de receptor de um texto e verifique estes três erros:

1. **Extrapolação:** é o fato de se fugir do texto. Ocorre quando se interpreta o que não está escrito. Muitas vezes são fatos, mas que não estão expressos no texto. Há que se ater apenas ao que está relatado.
2. **Redução:** é o fato de se valorizar uma parte do contexto, deixando de lado a sua totalidade. Deixa-se de considerar o texto como um todo para se ater apenas à parte dele.

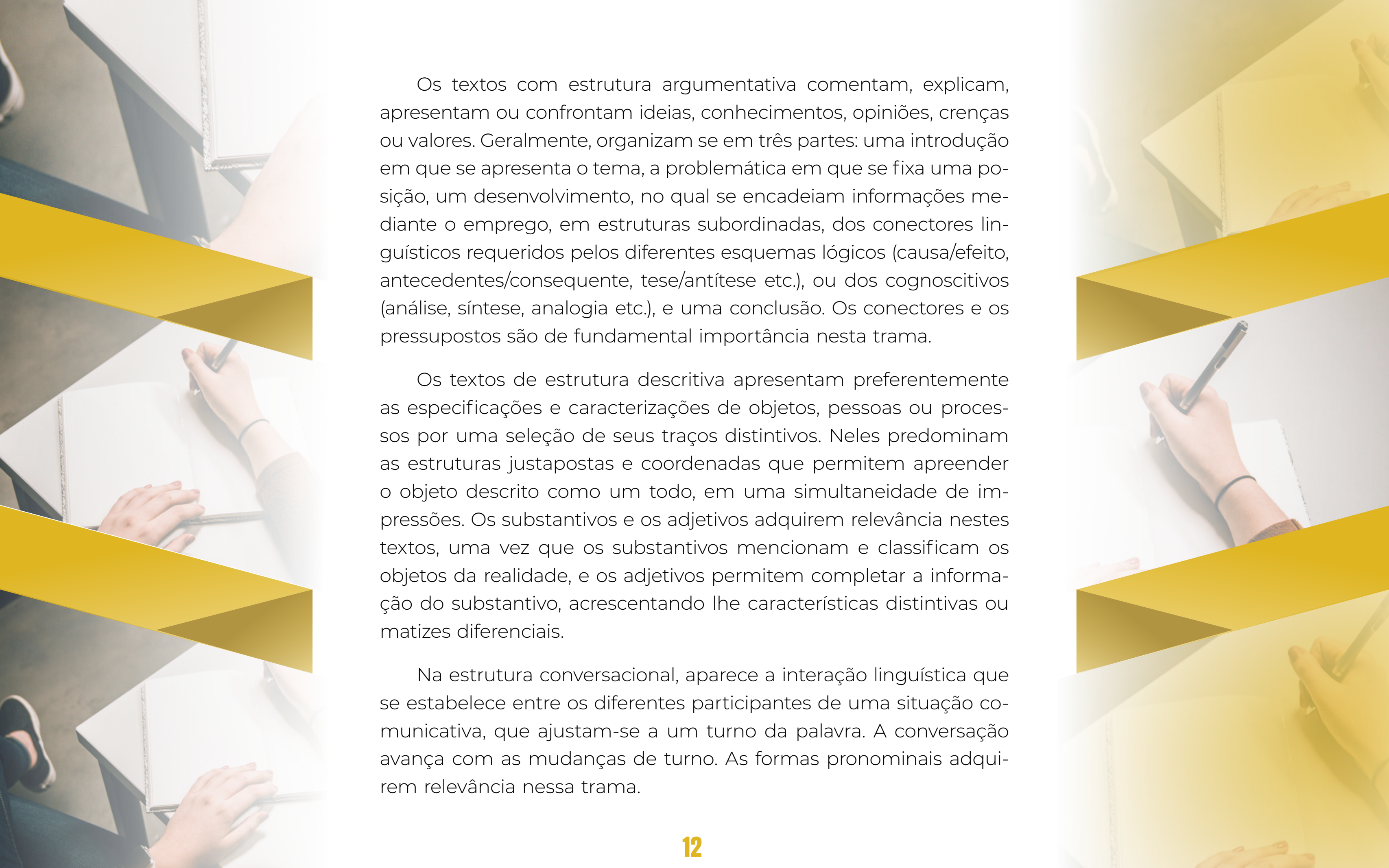
3. **Contradição:** é o fato de se entender justamente o contrário do que está escrito. É bom que se tome cuidado com algumas palavras, como: pode, deve, não, verbo ser, nunca, sempre etc.

Agora, pense: - Quantas vezes, ao produzir um texto, você cometeu algum destes erros? Lembre-se: para ser bons produtores de textos, é *necessário* fazer boa interpretação dos textos fonte (sobre os quais iremos discutir, comentar). Vamos agora verificar como um texto é tecido.

1.1 O tecido dos textos

O texto é um tecido que combina diferentes recursos da língua, combina diferentes classes de orações, seleciona classes de palavras, privilegia determinadas relações sintáticas etc. para transmitir diferentes intenções. Estes tecidos encontram-se em diversas estruturas diferentes. São elas a narrativa, a argumentação, a descrição e a conversação.

A estrutura narrativa apresenta fatos ou ações em uma sequência temporal e causal. O interesse desses textos reside na ação por meio da qual adquirem importância as personagens que a realizam e o momento em que a ação é concluída. A ordenação temporal dos fatos e a relação causa-efeito fazem com que o tempo e a forma dos verbos tenham um papel fundamental na organização dos textos narrativos. Também é importante a distinção entre o autor e o narrador, quer dizer, a voz que relata dentro do texto: o ponto de vista narrativo (narração em primeira ou terceira pessoa) e a predicação.



Os textos com estrutura argumentativa comentam, explicam, apresentam ou confrontam ideias, conhecimentos, opiniões, crenças ou valores. Geralmente, organizam-se em três partes: uma introdução em que se apresenta o tema, a problemática em que se fixa uma posição, um desenvolvimento, no qual se encadeiam informações mediante o emprego, em estruturas subordinadas, dos conectores linguísticos requeridos pelos diferentes esquemas lógicos (causa/efeito, antecedentes/consequente, tese/antítese etc.), ou dos cognoscitivos (análise, síntese, analogia etc.), e uma conclusão. Os conectores e os pressupostos são de fundamental importância nesta trama.

Os textos de estrutura descritiva apresentam preferentemente as especificações e caracterizações de objetos, pessoas ou processos por uma seleção de seus traços distintivos. Neles predominam as estruturas justapostas e coordenadas que permitem apreender o objeto descrito como um todo, em uma simultaneidade de impressões. Os substantivos e os adjetivos adquirem relevância nestes textos, uma vez que os substantivos mencionam e classificam os objetos da realidade, e os adjetivos permitem completar a informação do substantivo, acrescentando-lhe características distintivas ou matizes diferenciais.

Na estrutura conversacional, aparece a interação linguística que se estabelece entre os diferentes participantes de uma situação comunicativa, que ajustam-se a um turno da palavra. A conversação avança com as mudanças de turno. As formas pronominais adquirem relevância nessa trama.

Em um texto corresponde a um todo significativo e, no momento da produção de um texto, para ser um todo significativo, leva-se em conta para quê e para quem esse texto é destinado. Um pouco disso é discutido pelo viés dos estudos do gênero do discurso. É sobre esse assunto que tratarei na próxima unidade.

Saiba Mais!

Para aprofundar o estudo acerca das temáticas abordadas nesta unidade, sugiro as seguintes obras:

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Capítulo 1)

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011. (Capítulo 1 e 3).

Veja também o vídeo em que Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, autoras de **Ler e compreender** e **Ler e escrever**, participaram do programa *Autores na Escola*, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e contam um pouquinho sobre as obras citadas:

**Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias -
Autores na Escola**

2. OS GÊNEROS TEXTUAIS E DO DISCURSO

2.1 Gêneros e tipos textuais

Muitas vezes, para compreender bem um texto, há que identificar o gênero dele. Para tanto, é necessário entender o que é gênero e como surgiu essa terminologia.

Os gêneros surgem na história, em número muito limitado, entre povos de cultura oral. Logo, são todos de origem oral. Depois da invenção da escrita no século VII A.C., é que os gêneros se multiplicam. São típicos da escrita. A partir do século XV, eles expandem-se com a cultura impressa e depois com a industrialização e, agora, com a cultura eletrônica, presencia-se o surgimento de novos gêneros, orais e escritos. Assim, os gêneros são entidades sociodiscursivas e formas de ação social necessárias para a comunicação, eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Caracterizam-se mais pelas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

Juntamente com a noção de gênero entram em discussão os tipos, as tipologias textuais que, muitas vezes, confundem-se com gêneros.

A distinção entre tipo e gênero textual é de grande importância para o trabalho sobre a produção e a compreensão textual, porque os gêneros textuais são entidades comunicativas. Constituem-se como ações sociocomunicativas que apresentam características comuni-

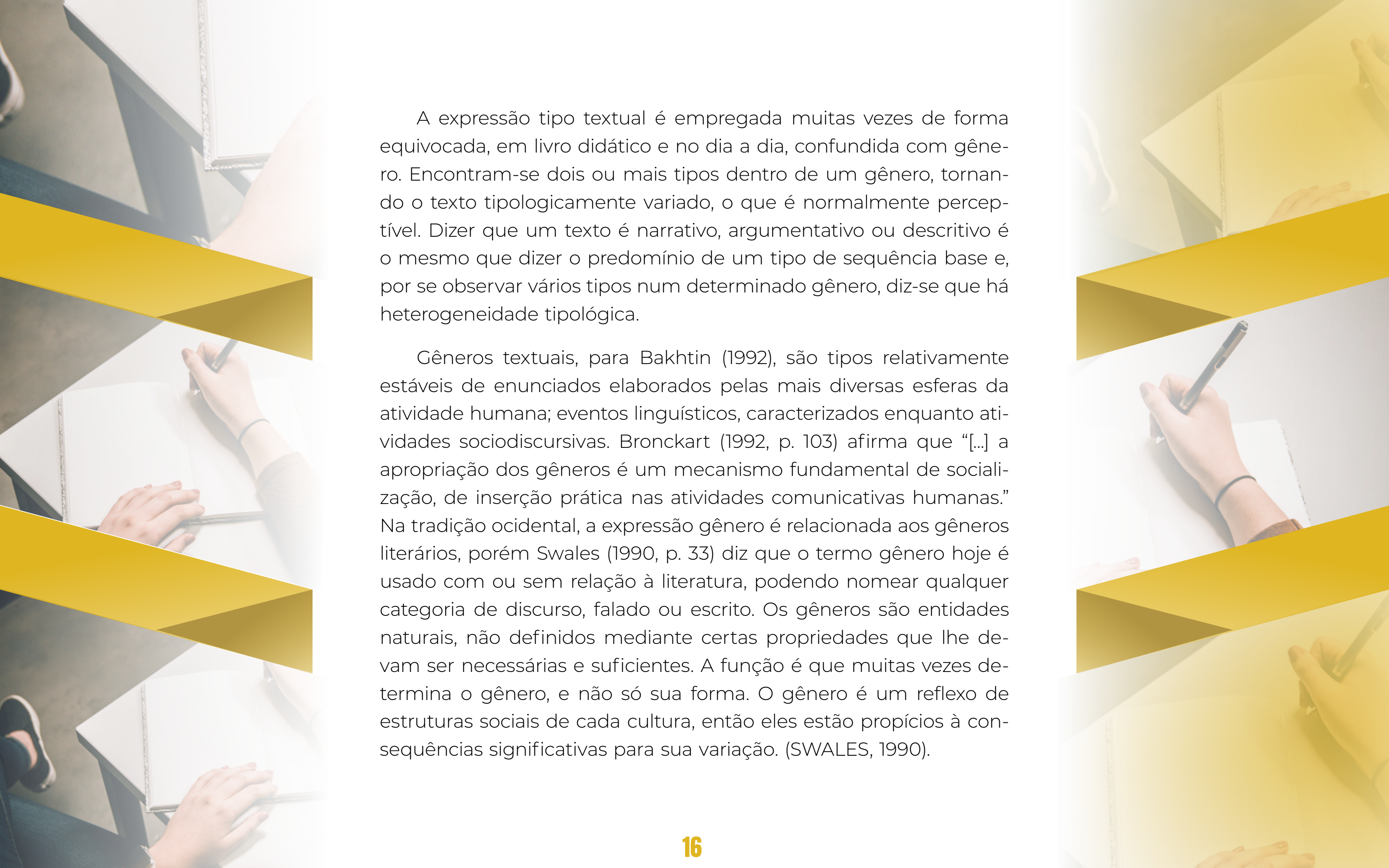
cativas definidas pelos critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade (BAKHTIN, 2003).

Hoje, são inúmeros os gêneros: carta pessoal, carta comercial, romance, bilhete, telefonema, sermão, notícia, horóscopo, resenha, edital de concurso, conferência, entre tantos outros. Isso quer dizer que todo texto se manifesta por meio de um gênero ou tudo que é produzido está materializado em gênero.

Os tipos textuais são sequências linguísticas típicas como norteadores, definidos pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas), abrangem no todo: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo. A expressão, domínio discursivo designa uma área específica de conhecimento em que circulam produção e/ou consumo de gêneros próprios à área, o que propicia o surgimento de discursos específicos. Domínio religioso, jornalístico, jurídico e acadêmico são exemplos. (MARCUSCHI, 2008)

Cabe aqui a distinção entre texto e discurso:

Texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual, já o discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Os textos realizam discurso em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.



A expressão tipo textual é empregada muitas vezes de forma equivocada, em livro didático e no dia a dia, confundida com gênero. Encontram-se dois ou mais tipos dentro de um gênero, tornando o texto tipologicamente variado, o que é normalmente perceptível. Dizer que um texto é narrativo, argumentativo ou descritivo é o mesmo que dizer o predomínio de um tipo de sequência base e, por se observar vários tipos num determinado gênero, diz-se que há heterogeneidade tipológica.

Gêneros textuais, para Bakhtin (1992), são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana; eventos linguísticos, caracterizados enquanto atividades sociodiscursivas. Bronckart (1992, p. 103) afirma que “[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.” Na tradição ocidental, a expressão gênero é relacionada aos gêneros literários, porém Swales (1990, p. 33) diz que o termo gênero hoje é usado com ou sem relação à literatura, podendo nomear qualquer categoria de discurso, falado ou escrito. Os gêneros são entidades naturais, não definidos mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. A função é que muitas vezes determina o gênero, e não só sua forma. O gênero é um reflexo de estruturas sociais de cada cultura, então eles estão propícios à consequências significativas para sua variação. (SWALES, 1990).

2.2 Panorama geral

Falar em gêneros textuais e gêneros discursivos implica em entender as perspectivas teóricas intrínsecas a cada um desses conceitos. Para tanto, faz-se necessário, primeiro, perceber que o estudo dos gêneros não é novo, vem desde os estudos de Platão e Aristóteles e estava concentrado nos estudos literários. O que muda é que os estudos saem das fronteiras da literatura, filosofia e voltam-se mais para uma área interdisciplinar, tendo atenção especial para a linguagem em funcionamento e suas atividades sociais e culturais.

Levando em conta esse contexto, a perspectiva de estudos que se enfoca aqui é a discursiva. No entanto, encontra-se, nessas perspectivas discursivas, algumas correntes de tratamento dos gêneros.

Conforme Marcuschi (2008), o Brasil passou por uma proliferação de trabalhos na perspectiva discursiva, iniciando pela linha de Swales e depois pela Escola de Genebra com influências de Bakhtin. Hoje é mais influenciado pela análise do discurso crítica. Bakhtin, para Marcuschi (2008), é o autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, assume um bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem.

No quadro a seguir, sintetiza-se as perspectivas internacionais dos estudos discursivos dos gêneros com base em Marcuschi (MARCUSCHI, 2008, p. 157 e 158):

Quadro 2 – Perspectivas de estudos discursivos dos gêneros

Perspectiva	Representantes	Descrição
Sócio-histórica e dialógica	Bakhtin	Enfoque enunciativo-discursivo.
Comunicativa	Steger, Gülich, Bergmann;	
Sistêmico-funcional	Halliday	Faz análise da relação texto e contexto, estrutura esquemática de texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do registro.
Sócioretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua	Swales, Bhatia	Observam e analisam estágios na estrutura do gênero. Tem um caráter prescritivo e maior preocupação com a escrita do que com a oralidade.
Interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna	Bronckart, Dolz, Schneuwly	Com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky) há preocupação com o ensino dos gêneros em língua materna. Olhar maior para o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. (ligada ao sociointeracionismo)
Perspectiva de análise crítica	Fairclough; Kress	O discurso é uma prática social e o gênero é a maneira social de usar a língua em um tipo particular de atividade social.
Socioretórica/sócio-histórica e cultural	Miller, Bazerman, Freedman	Escola Americana influenciada por Bakhtin, mas em especial por antropólogos, sociólogos e etnógrafos. A preocupação está com a organização social e as relações de poder que os gêneros agregam. A atenção não está voltada para o ensino, e sim, para a compreensão do funcionamento social e histórico, e a relação de poder.

Fonte: Marcuschi (2008).

Perspectivas de ensino de Língua Portuguesa

A partir do início dos anos 2000 percebe-se, principalmente nos documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs), a adoção da perspectiva do ensino por meio dos gêneros.

Parâmetros Curriculares Nacionais

Diretrizes Curriculares Estaduais

Eis como isso se distribui na noção do termo texto:

Quadro 3 – Ensino de língua por meio dos gêneros discursivos

Perspectivas e o olhar para o texto	Concebendo a língua como sistema, centrada no código	Concebe a língua como instrumento de comunicação	Concebe a língua como uma atividade social, histórica e cognitiva em que se unem elementos linguísticos e não-linguísticos
Texto	Texto como produto, como uma unidade qualquer portadora de sentido.	O texto é o resultado da capacidade criativa do aprendiz e de sua competência em se utilizar a língua observando os elementos da comunicação	O texto deixa de ser uma produção ideal para assumir uma dimensão real no mundo. Ganha materialidade nos gêneros.

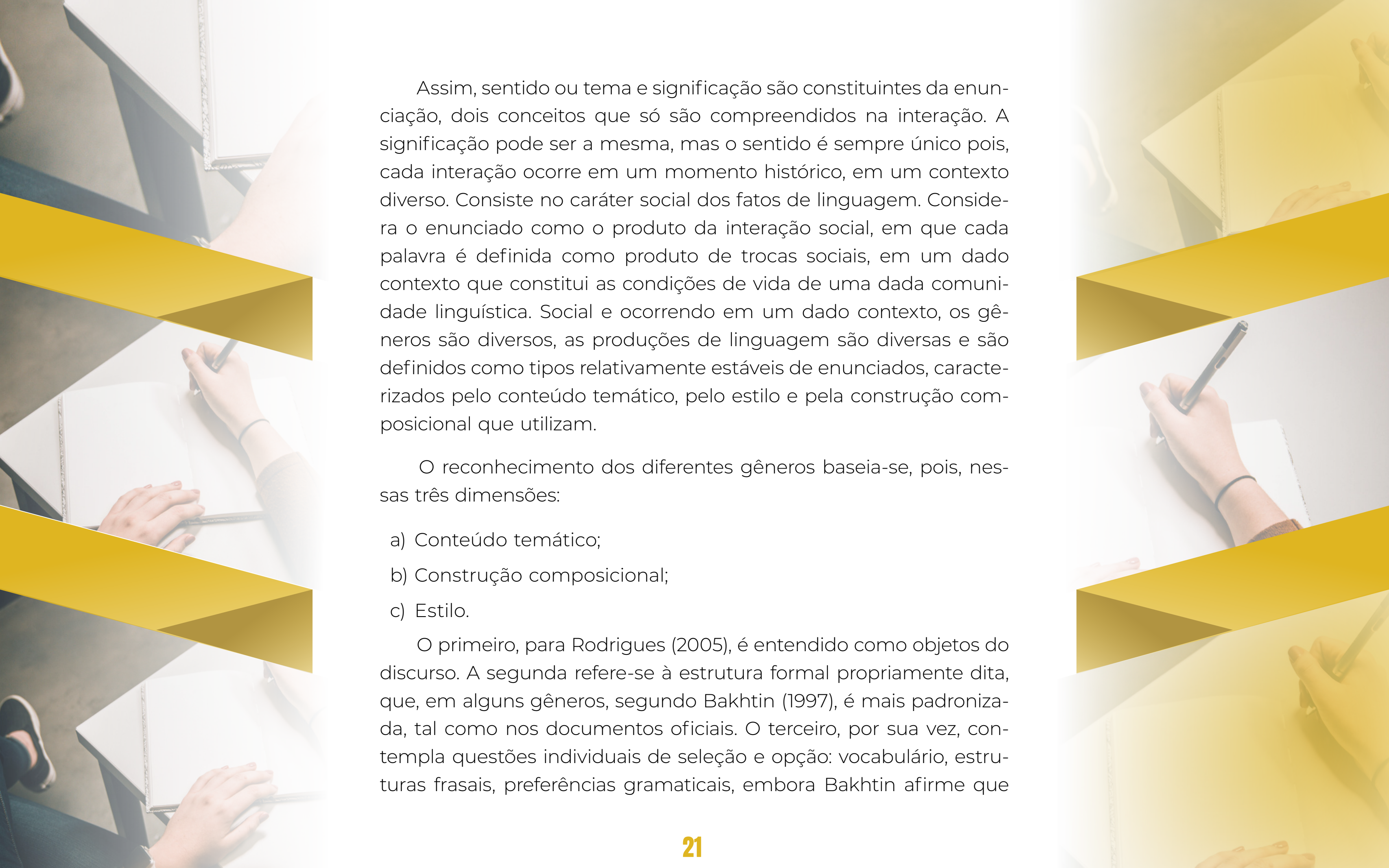
Fonte: Gomes (2013).

- Observando as escolhas de uma expressão ou outra (gênero textual ou gênero discursivo) há algumas implicações com relação à competência discursiva do aluno. Veja-se algumas perspectivas teóricas acerca dos gêneros do discurso, tais como a de Bakhtin, Bronckart, Dolz e Schneuwly e Adam:

2.2.1 Perspectiva de Bakhtin

Tem uma concepção de linguagem, da qual decorrem conceitos como enunciação, polifonia, dialogismo e a própria noção de gêneros. Linguagem é entendida por Bakhtin de tal modo que o sujeito ocupa papel de destaque em qualquer situação de interação, uma vez que é a partir dele que se torna possível a compreensão das diversas relações sócio-históricas que caracterizam uma sociedade. O autor desenvolve o conceito de dialogismo e afirma que todo dizer é, irremediavelmente, perpassado por outros dizeres, que nossa voz é sempre também a voz do outro e que todos os enunciados se constituem a partir de outros. Outro conceito desenvolvido por Bakhtin é o de enunciação entendida como produto da interação que ocorre em um contexto sócioideológico, uma realização da atividade mental norteadas por uma orientação social mais ampla.

Para Bakhtin (1997), o discurso (a língua em sua integridade concreta e viva) só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos falantes de uma ou outra esfera da atividade e da comunicação humanas. Assim, **o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva.** (Grifo da Autora)

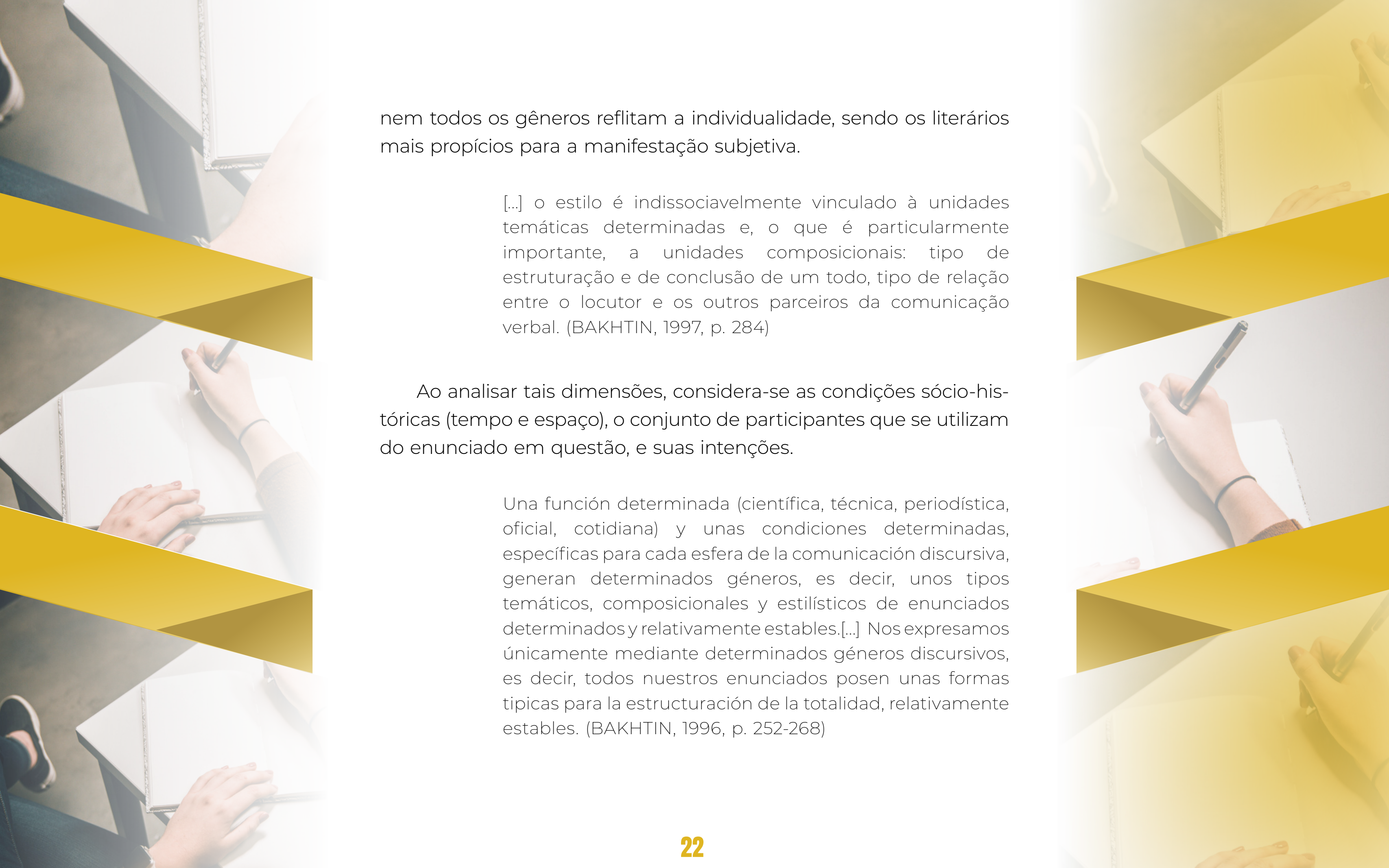


Assim, sentido ou tema e significação são constituintes da enunciação, dois conceitos que só são compreendidos na interação. A significação pode ser a mesma, mas o sentido é sempre único pois, cada interação ocorre em um momento histórico, em um contexto diverso. Consiste no caráter social dos fatos de linguagem. Considera o enunciado como o produto da interação social, em que cada palavra é definida como produto de trocas sociais, em um dado contexto que constitui as condições de vida de uma dada comunidade linguística. Social e ocorrendo em um dado contexto, os gêneros são diversos, as produções de linguagem são diversas e são definidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, caracterizados pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional que utilizam.

O reconhecimento dos diferentes gêneros baseia-se, pois, nessas três dimensões:

- a) Conteúdo temático;
- b) Construção composicional;
- c) Estilo.

O primeiro, para Rodrigues (2005), é entendido como objetos do discurso. A segunda refere-se à estrutura formal propriamente dita, que, em alguns gêneros, segundo Bakhtin (1997), é mais padronizada, tal como nos documentos oficiais. O terceiro, por sua vez, contempla questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, embora Bakhtin afirme que

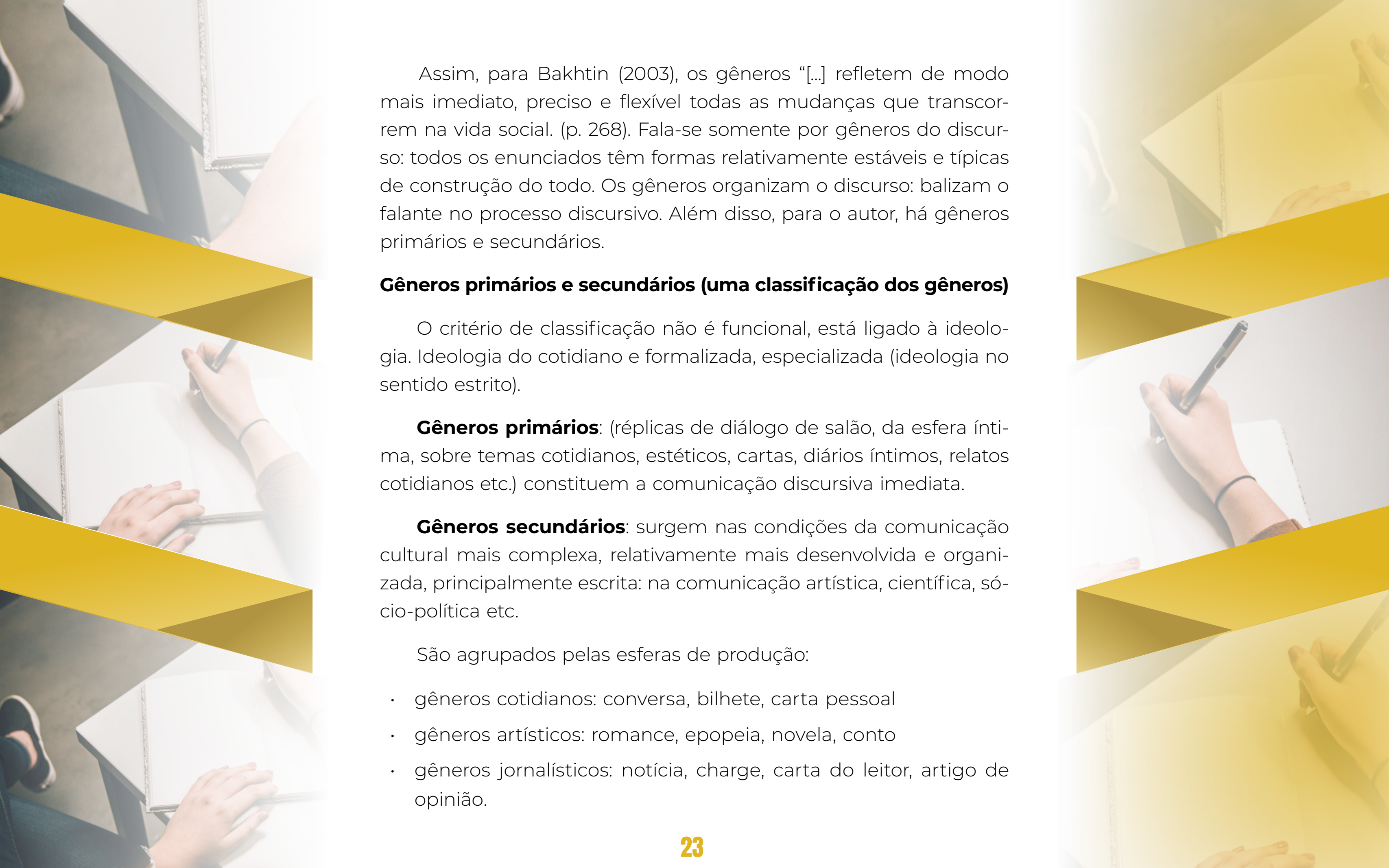


nem todos os gêneros reflitam a individualidade, sendo os literários mais propícios para a manifestação subjetiva.

[...] o estilo é indissociavelmente vinculado à unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p. 284)

Ao analisar tais dimensões, considera-se as condições sócio-históricas (tempo e espaço), o conjunto de participantes que se utilizam do enunciado em questão, e suas intenções.

Una función determinada (científica, técnica, periodística, oficial, cotidiana) y unas condiciones determinadas, específicas para cada esfera de la comunicación discursiva, generan determinados géneros, es decir, unos tipos temáticos, composicionales y estilísticos de enunciados determinados y relativamente estables.[...] Nos expresamos únicamente mediante determinados géneros discursivos, es decir, todos nuestros enunciados poseen unas formas típicas para la estructuración de la totalidad, relativamente estables. (BAKHTIN, 1996, p. 252-268)



Assim, para Bakhtin (2003), os gêneros “[...] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. (p. 268). Fala-se somente por gêneros do discurso: todos os enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Os gêneros organizam o discurso: balizam o falante no processo discursivo. Além disso, para o autor, há gêneros primários e secundários.

Gêneros primários e secundários (uma classificação dos gêneros)

O critério de classificação não é funcional, está ligado à ideologia. Ideologia do cotidiano e formalizada, especializada (ideologia no sentido estrito).

Gêneros primários: (réplicas de diálogo de salão, da esfera íntima, sobre temas cotidianos, estéticos, cartas, diários íntimos, relatos cotidianos etc.) constituem a comunicação discursiva imediata.

Gêneros secundários: surgem nas condições da comunicação cultural mais complexa, relativamente mais desenvolvida e organizada, principalmente escrita: na comunicação artística, científica, sócio-política etc.

São agrupados pelas esferas de produção:

- gêneros cotidianos: conversa, bilhete, carta pessoal
- gêneros artísticos: romance, epopeia, novela, conto
- gêneros jornalísticos: notícia, charge, carta do leitor, artigo de opinião.

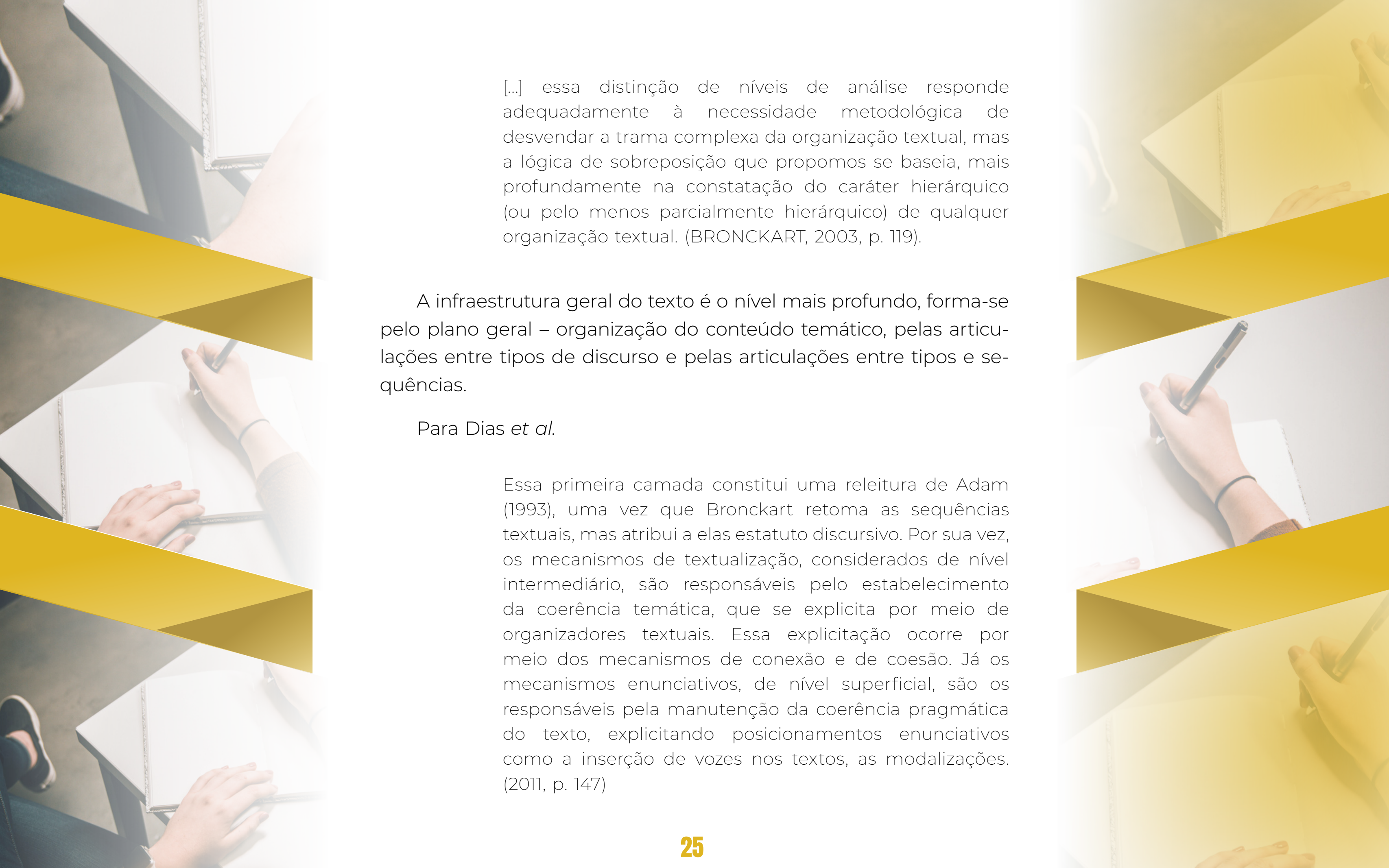
- gêneros religiosos: missa, folheto litúrgico, homilia
- gêneros científicos: tese, artigo, dissertação de mestrado
- gêneros escolares: livro didático, resumo, aula, seminário

2.2.3 Perspectiva de Bronckart

Bronckart baseia-se nas teorias de Vygotsky e de Bakhtin em um enfoque diferente, adotando o projeto do interacionismo socio-discursivo, no qual a linguagem surge da diversidade e complexidade das diferentes práticas, o que acarreta as adaptações da linguagem e gera espécies de textos diferentes.

Assim, para Bronckart (2003) “[...] os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos.” (p. 72). Essa articulação favorece a ocorrência de textos de diferentes espécies, dada a variedade de situações. Por sua vez, esferas propiciam a ocorrência de espécies de textos similares que constituem os gêneros.

O autor afirma que uma ação de linguagem exige a mobilização dos gêneros de textos. Entretanto, dado o aspecto variável dos textos, Bronckart não considera os gêneros mas os textos como objeto de análise. E, para explicitar a organização interna do texto, traça uma divisão das partes do texto constituído de camadas sobrepostas: infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Para o autor:



[...] essa distinção de níveis de análise responde adequadamente à necessidade metodológica de desvendar a trama complexa da organização textual, mas a lógica de sobreposição que propomos se baseia, mais profundamente na constatação do caráter hierárquico (ou pelo menos parcialmente hierárquico) de qualquer organização textual. (BRONCKART, 2003, p. 119).

A infraestrutura geral do texto é o nível mais profundo, forma-se pelo plano geral – organização do conteúdo temático, pelas articulações entre tipos de discurso e pelas articulações entre tipos e sequências.

Para Dias *et al.*

Essa primeira camada constitui uma releitura de Adam (1993), uma vez que Bronckart retoma as sequências textuais, mas atribui a elas estatuto discursivo. Por sua vez, os mecanismos de textualização, considerados de nível intermediário, são responsáveis pelo estabelecimento da coerência temática, que se explicita por meio de organizadores textuais. Essa explicitação ocorre por meio dos mecanismos de conexão e de coesão. Já os mecanismos enunciativos, de nível superficial, são os responsáveis pela manutenção da coerência pragmática do texto, explicitando posicionamentos enunciativos como a inserção de vozes nos textos, as modalizações. (2011, p. 147)

Observa-se, portanto, nessa perspectiva concepções originárias da Linguística Textual e da Gramática Tradicional, o que explica o fato de os seguidores do Interacionismo sociodiscursivo adotarem a nomenclatura Gêneros textuais, diferentemente de Bakhtin.

2.2.4 Perspectiva de Adam – textual

Adam desenvolveu alguns trabalhos na obra de 1992, partindo de uma proposta de análise textual, com base na noção de sequência textual, texto e o discurso, sob o enfoque sociodiscursivo, tendo por base os conceitos bakhtinianos de gênero e de enunciado. Na obra de 1992, a noção de gênero foi preterida em função da dimensão textual, visto que, para ele, interessava prioritariamente analisar os componentes mais ou menos estáveis, as sequências, que são delimitáveis em uma tipologia.

Para o autor, a unidade textual elementar é o que ele denomina de proposição-enunciado, produto de um ato de enunciação, de valor pragmático. São combinações estabelecidas entre as proposições, que configuram as sequências, “[...] correspondem cinco tipos de relações macrossemânticas memorizadas por impregnação cultural (pela leitura, escuta e produção de textos) e transformadas em esquema de reconhecimento e de estruturação da informação textual.” (ADAM, 2008, p. 204). São elas: narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva.

Quadro 4 – Sequências propostas por Adam (2008)

Sequência narrativa	Exposição de fatos por meio de ações e eventos
Sequência argumentativa	Ação de demonstrar, justificar ou de refutar uma tese ou argumentos, por meio de conhecimentos colocados, com o objetivo de convencer o interlocutor.
Sequência explicativa	Um segmento curto, formado por proposições se (introdutor de problema) e porque (introdutor de explicação)
Sequência dialogal	Os atos de linguagem, produzidos por dois interlocutores.
Sequência descritiva	Diferentemente dos outros quatro tipos de sequência, não comporta uma ordem de agrupamentos das proposições-enunciados em macroproposições ligadas entre elas” (ADAM, 2008, p. 215)

Fonte: Adam (2008).

A posição de Adam tem por base uma análise dos gêneros focada na textualidade, na materialidade textual. É uma análise textual que se fundamenta em textos concretos. No entanto, em obra mais recente, de 2008, o autor propõe-se a redirecionar o foco de análise para uma interrelação entre a **linguística textual** e a **análise do discurso** (DIAS *et al.*, 2011, p. 149).

2.2.5 Perspectiva de Dolz e Schneuwly

Dolz e Schneuwly (2004), assim como outros teóricos que tratam de texto/discurso, também acreditam que é por meio dos textos que o ensino da Língua Portuguesa deve ser feito, por isso, sugerem o trabalho da língua pautado nos diferentes gêneros textuais, orais ou escritos. Segundo os autores, os **gêneros** são formas de funcionamento da língua e linguagem, criados conforme as diferentes esferas da sociedade em que o indivíduo circula. Eles são produtos sociais bastante heterogêneos, o que possibilita infinitas construções durante a comunicação.

Os autores preocupam-se em fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula. A metodologia para o ensino parte das sequências didáticas, realizadas com base em gêneros textuais diversos, especialmente os gêneros orais. Para eles a noção de gênero parte de um instrumento de comunicação realizado empiricamente por meio de textos.

Ouçã o *podcast* sobre gêneros do discurso da autora Brenna Carvalho:

Literatura de cordel - Os gêneros do discurso e produção de textos

3. OS GÊNEROS E A MULTIMODALIDADE

Como apresentado nas unidades anteriores, se por um lado o texto é um enunciado dito e concreto, enquanto unidade de significado, por outro lado, os gêneros (textuais /do discurso) são enunciados constantemente transformados em termos de significação e/ou materialidade. Nesse jogo de significação e materialidade os gêneros são alicerçam-se na linguagem que é manifestada no modo verbal (falado ou escrito), visual, sonoro ou gestual.

Mas, pode um gênero utilizar-se de mais de um modo de linguagem para a construção de sentidos? A resposta é que não só pode, mas é-lhe inerente, porque a presença dos modos é uma característica *per se* dos gêneros. Em um mundo cada vez mais permeado pelas tecnologias, a presença de mais de um modo de linguagem é usual. Como afirmam Dionísio e Vasconcelos (2013): “[...] produzimos textos para serem lidos pelos nossos sentidos.” e os nossos “[...] pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais.” (DIONISIO; VASCONCELOS, 2013, p. 19).

Portanto, independentemente do suporte (formato ou ambiente base para a materialização do gênero), é no texto, no gênero que os modos de linguagem são utilizados para constituir um todo de sentidos. À fusão dos modos de linguagem dá-se o nome de multimodalidade. Logo, os gêneros multimodais são textos que são formados pela combinação de recursos verbais, visuais, sonoros ou

gestuais. A predominância de um ou outro modo acontece, mas é a combinação de mais de um que representa os sentidos que o autor quer transmitir.

Veja-se a tirinha abaixo, de Quino e sua personagem Mafalda:

Imagem 1 - Mafalda e as relações de trabalho

Fonte: Reprodução/Quino.

Na tirinha acima, para que o leitor componha os sentidos no processo de leitura, ele precisa compreender o modo verbal (o que está escrito no balão sobre o substantivo indicador), aliar o modo visual (o que a imagem em si representa ao utilizar o dedo indicador), quanto o gesto (que a personagem faz movimentando o dedo indicador no último quadrinho) para construir sentidos do significado que a palavra indicador ganha, quando se une ao adjunto de desemprego, funcionando como um adjetivo. Outros elementos são considerados para a leitura do gênero ao se tratar do uso da paleta de cores em que, em especial nesta tira, há a predominância do contraste entre o preto e o branco, para contribuir com o sentido binário apresentado ao termo indicador.

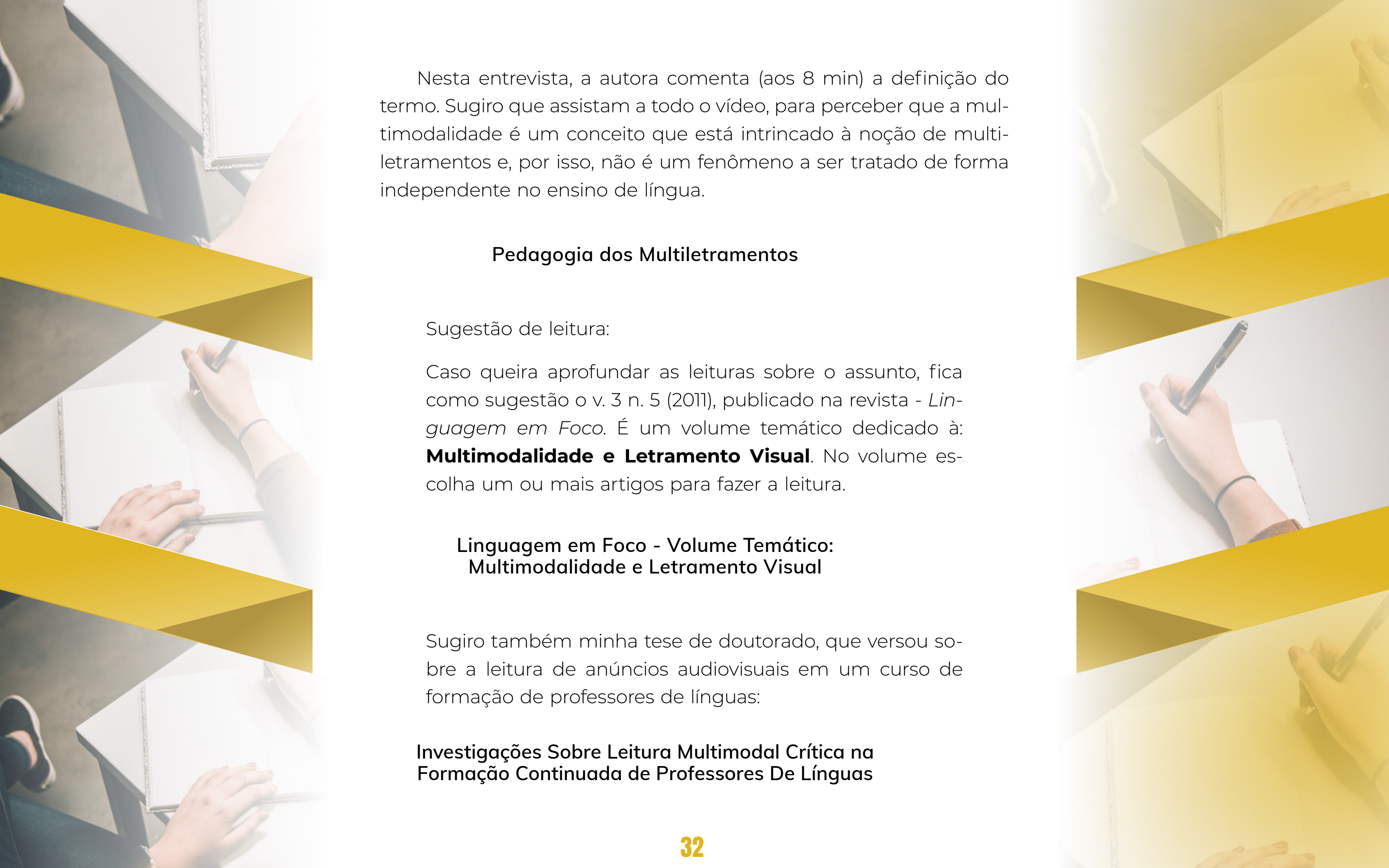
Para compreender um pouco mais sobre o assunto, assista ao vídeo da revista Nova Escola, que trata da Base Nacional Comum (documento oficial lançado em 2017 pelo MEC/BRASIL) e a prática de ensino com textos multimodais/multissemióticos (Multissemióticos são os textos com muitos elementos, como imagens, ícones e desenhos). Isso porque, a “Base para Língua Portuguesa não só inclui o trabalho com textos multissemióticos, mas estimula seu estudo e produção em classe. Pensando em como os professores podem trazê-los para a sala de aula, os autores mostram no terceiro capítulo da série BNCC na Prática de Língua Portuguesa, uma atividade com alunos do 4º ano” (2017).

Língua Portuguesa: como trabalhar textos multissemióticos

BNCC na Prática: textos multissemióticos na aula de Língua Portuguesa

Roxane Rojo, uma das especialistas no assunto sobre ensino de língua e multimodalidade hoje, no Brasil, fez uma entrevista para o programa **Escrevendo o futuro**.

Site - Escrevendo o Futuro



Nesta entrevista, a autora comenta (aos 8 min) a definição do termo. Sugiro que assistam a todo o vídeo, para perceber que a multimodalidade é um conceito que está intrincado à noção de multiletramentos e, por isso, não é um fenômeno a ser tratado de forma independente no ensino de língua.

Pedagogia dos Multiletramentos

Sugestão de leitura:

Caso queira aprofundar as leituras sobre o assunto, fica como sugestão o v. 3 n. 5 (2011), publicado na revista - *Linguagem em Foco*. É um volume temático dedicado à: **Multimodalidade e Letramento Visual**. No volume escolha um ou mais artigos para fazer a leitura.

Linguagem em Foco - Volume Temático: Multimodalidade e Letramento Visual

Sugiro também minha tese de doutorado, que versou sobre a leitura de anúncios audiovisuais em um curso de formação de professores de línguas:

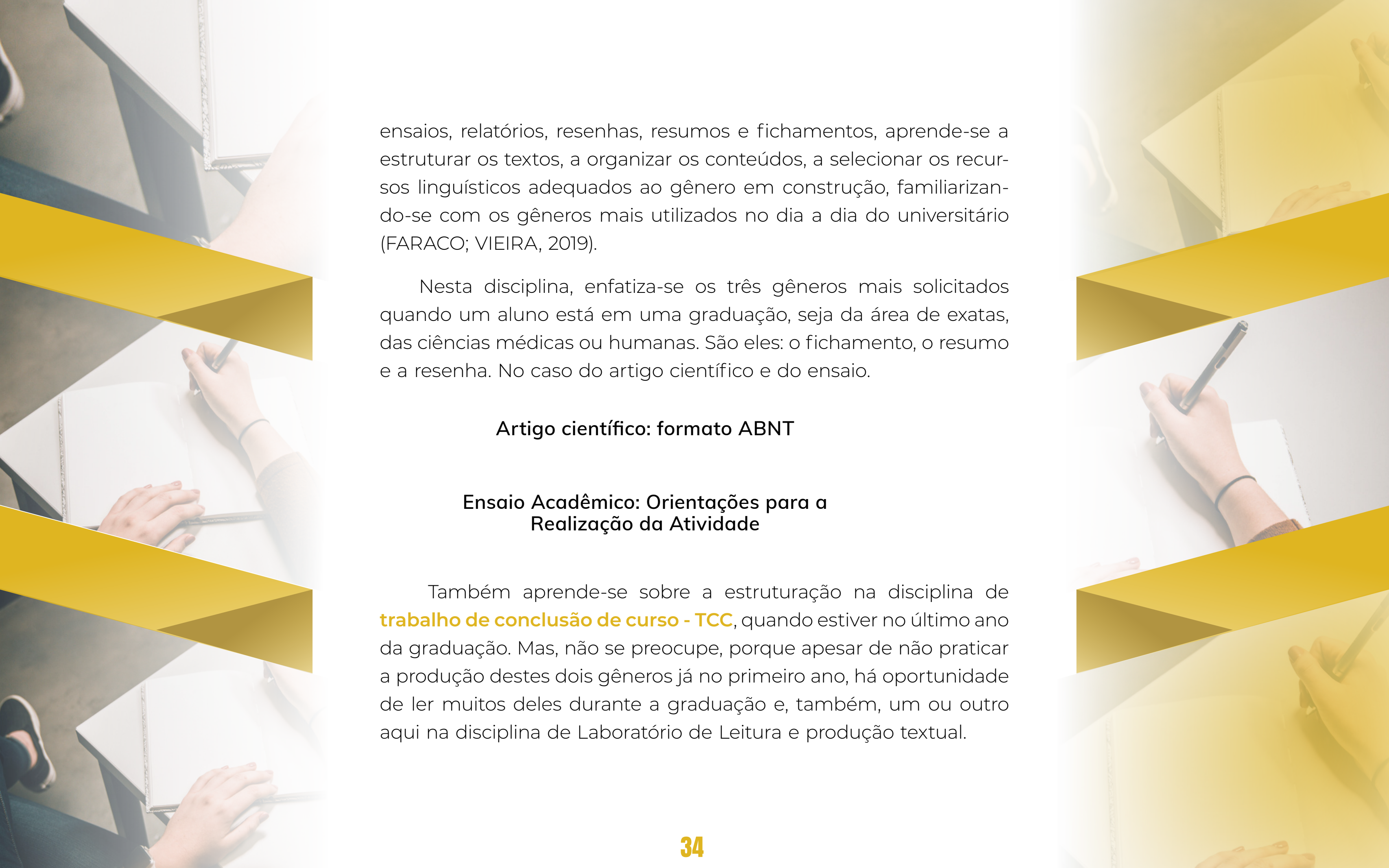
Investigações Sobre Leitura Multimodal Crítica na Formação Continuada de Professores De Línguas

4. ESCREVER E LER NA UNIVERSIDADE – OS GÊNEROS ACADÊMICOS

Diariamente há contato com os gêneros utilizados para a comunicação, para a ação e participação social. Porém, a forma como se elabora uma mensagem no *WhatsApp* para algum familiar é diferente do comportamento em uma entrevista de emprego porque envolve letramentos diferentes.

Glossário Ceale - Letramento

Assim, os letramentos requisitados ao estudante universitário envolvem atividades de leitura, escuta, fala e escrita. Como assinalam Faraco e Vieira (2019), nem sempre a experiência escolar no ensino básico é suficiente para ler e escrever os gêneros acadêmicos. A prática da leitura e da escrita de gêneros, na esfera acadêmica, exigem a prática. É praticando a escrita, a escuta, a leitura e a fala dos gêneros que se adquire o hábito para o trabalho da escrita na universidade. Essa prática permite pensar em algo que exige concentração e planejamento. O ato de ler não é uma mera decodificação passiva dos sentidos de um texto, mas um processo ativo de apreensão dos significados. E, para escrever bem, não basta somente ler. É preciso ler e escrever constantemente para ampliar o repertório. Ao ler constantemente gêneros como artigos científicos,



ensaios, relatórios, resenhas, resumos e fichamentos, aprende-se a estruturar os textos, a organizar os conteúdos, a selecionar os recursos linguísticos adequados ao gênero em construção, familiarizando-se com os gêneros mais utilizados no dia a dia do universitário (FARACO; VIEIRA, 2019).

Nesta disciplina, enfatiza-se os três gêneros mais solicitados quando um aluno está em uma graduação, seja da área de exatas, das ciências médicas ou humanas. São eles: o fichamento, o resumo e a resenha. No caso do artigo científico e do ensaio.

Artigo científico: formato ABNT

Ensaio Acadêmico: Orientações para a Realização da Atividade

Também aprende-se sobre a estruturação na disciplina de **trabalho de conclusão de curso - TCC**, quando estiver no último ano da graduação. Mas, não se preocupe, porque apesar de não praticar a produção destes dois gêneros já no primeiro ano, há oportunidade de ler muitos deles durante a graduação e, também, um ou outro aqui na disciplina de Laboratório de Leitura e produção textual.

Os autores Faraco e Vieira (2019) indicam no livro **Escrever na universidade – Fundamentos (Unidade 1)**, leia a resenha do livro aqui:

Resenha: Fundamentos para escrever na universidade

Parte de uma entrevista, importante a leitura na íntegra. Trata-se de uma entrevista concedida à revista *Conjectura*, - um periódico de filosofia e educação da Universidade de Caxias do Sul - pelo professor David Russel, da Universidade de Iowa/EUA. O entrevistado é especialista em escrita profissional na educação e discute o desafio da leitura e da escrita na universidade.

Entrevista - Letramento acadêmico: leitura e escrita na universidade:

entrevista com David Russell, por Flávia Brocchetto Ramos e Vânia Marta Espeiorin:

Feita a leitura da entrevista e com a percepção de que o processo de escrita e de leitura na universidade envolve vários fatores, discorre-se um pouco sobre os gêneros fichamento, resumo e resenha.

4.1 Sumarização – fichamento e resumo

No contexto acadêmico alguns professores pedem aos alunos práticas de escrita a partir da sugestão de leitura de determinados textos. Entre eles, destacam-se partes de um livro, capítulos de livro, artigos científicos. Todos são importantes meios de disseminação da pesquisa científica. A razão desse tipo de atividade decorre de diferentes questões como verificação da aprendizagem de determinado conteúdo ou uma sugestão de caminhos para um estudo e compreensão aprofundados de algum assunto (VIEIRA; FARACO, 2019).

O dicionário *online* de português traz algumas acepções para o verbo sumarizar. Leia com destaque a primeira e a terceira:


Sumarizar

“1- Produzir um sumário; sintetizar na forma de sumário; resumir: sumarizar um processo científico;

[...]

3- Separar somente o que é fundamental; resumir ou sintetizar. Ex. sumarizou o nosso casamento num poema.”

Fonte: <https://www.dicio.com.br/sumarizar/>



Veja que o processo de sumarizar envolve “separar somente o que é fundamental”, então, resumir e sintetizar, exige de quem faz esta ação a realização de escolhas do que é mais importante no trecho estudado.

Tanto o **resumo** quanto o **fichamento** exigem essa ação.

O resumo, conforme a NBR 6028, s/p (Norma Brasileira) da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), é uma “[...] apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento.” Já o fichamento envolve a disposição de algum conteúdo em fichas (hoje em dia não se utiliza mais o modelo de fichas, mas a denominação surgiu desta prática). A prática inclui criar anotações sobre textos ou livros em um arquivo (virtual) ou ficha física, a fim de organizar informações sobre a obra lida/estudada. Com a prática de fichamento são identificadas obras diferentes, para conhecer o conteúdo, analisar o material, fixar os dados que contém, e posteriormente, se for o caso, elaborar uma crítica e separar citações importantes para um outro texto, como uma resenha, por exemplo.

Para Baltar *et al.* (2011), o fichamento é um gênero que atende “[...] principalmente, à finalidade de registrar, de modo sintético, o conteúdo de um texto/discurso para posterior consulta. Já o resumo atende “[...] fundamentalmente a duas funções distintas na interação social: 1) informar sumariamente ao interlocutor o conteúdo de um texto/discurso e 2) sintetizar, reduzindo e selecionando informações relevantes de um texto ou discurso para finalidades de estudo.” (BALTAR *et al.*, 2011, p. 41)



Saiba Mais!

Confira, a seguir, o vídeo do professor Prof. Dr. Ivan Guedes. Nele o autor explica para que serve um fichamento, o que é e como se faz.

Como Fazer Fichamento

Depois de aprender um pouco sobre o funcionamento do gênero fichamento, consulte o vídeo da Professora Doutora Cristina Godoy (USP). Nele a autora apresenta a função do gênero resumo, como se subdivide em categorias – indicativo e descritivo- colocando algumas sugestões para apresentá-los.

Como Fazer Resumo Indicativo ou Descritivo?

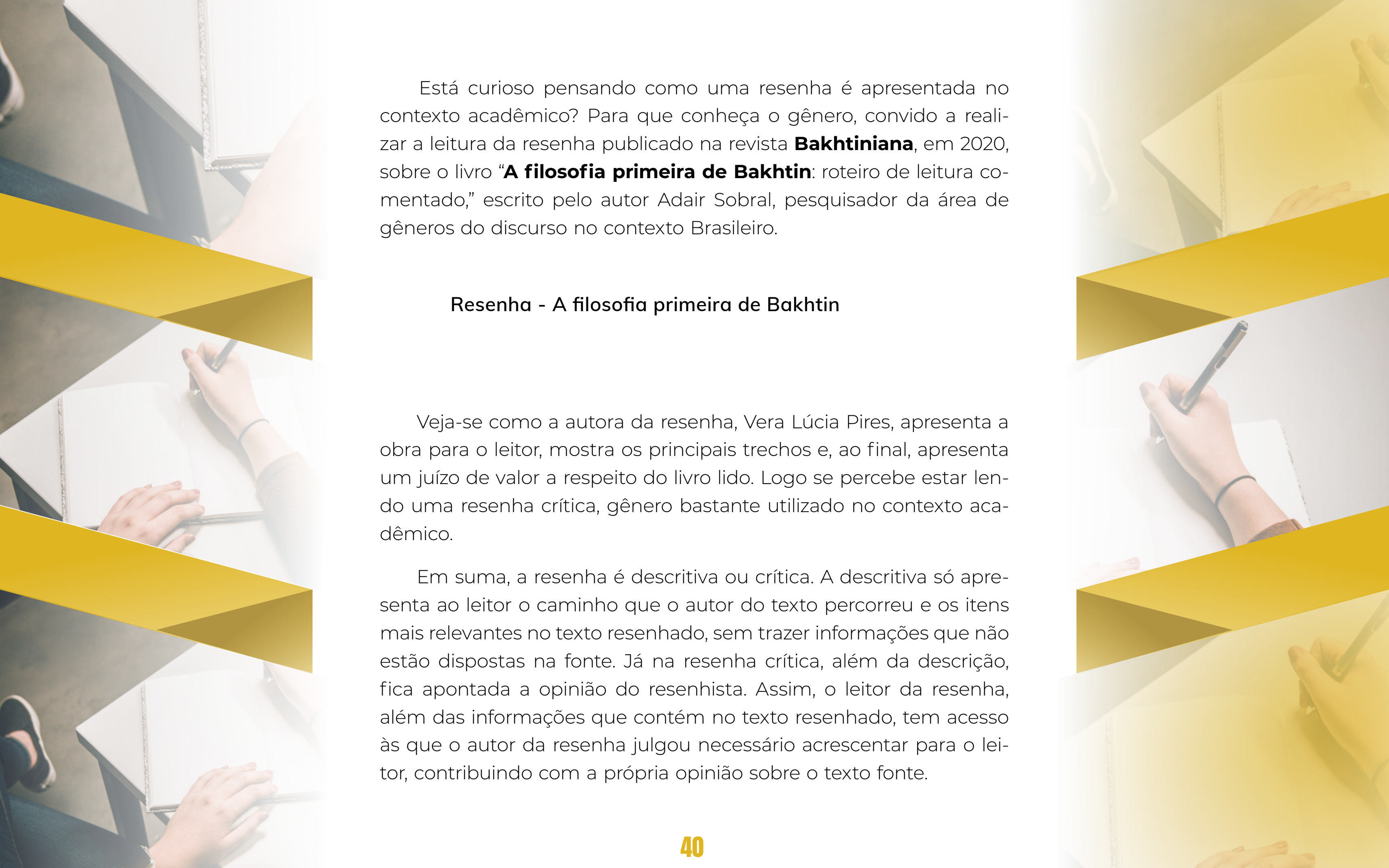
Nos autoestudos da disciplina trabalha-se o conteúdo referente a esses dois gêneros com mais profundidade. Trata-se um pouco sobre a resenha para fins acadêmicos.

4.2 A resenha para fins acadêmicos

A resenha é outro texto que os docentes solicitam aos alunos de graduação. Pode ser um resumo de um filme, um resumo de um livro, ou de outra obra que tenha relação com o conteúdo da disciplina. (VIEIRA; FARACO, 2019). Baltar *et al.* (2011) entendem a resenha como um gênero que “[...] implica resumo crítico de um texto ou discurso, com o objetivo de cientificar o interlocutor sobre o conteúdo objeto da resenha, fazendo-o em uma perspectiva analítica potencialmente capaz de formar opiniões.” (p. 41-42).

Para esclarecer um pouco mais o assunto e para visualizar esse gênero, sugiro o vídeo criado pela *Khan Academy*. Nele o autor aborda a função social e um exemplo de texto do gênero. Claro, trata-se de um exemplo sintetizado, já que se aprofundará esse conteúdo nos autoestudos do ambiente virtual de aprendizagem.

O que é uma resenha crítica?



Está curioso pensando como uma resenha é apresentada no contexto acadêmico? Para que conheça o gênero, convido a realizar a leitura da resenha publicado na revista **Bakhtiniana**, em 2020, sobre o livro “**A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado,” escrito pelo autor Adair Sobral, pesquisador da área de gêneros do discurso no contexto Brasileiro.

Resenha - A filosofia primeira de Bakhtin

Veja-se como a autora da resenha, Vera Lúcia Pires, apresenta a obra para o leitor, mostra os principais trechos e, ao final, apresenta um juízo de valor a respeito do livro lido. Logo se percebe estar lendo uma resenha crítica, gênero bastante utilizado no contexto acadêmico.

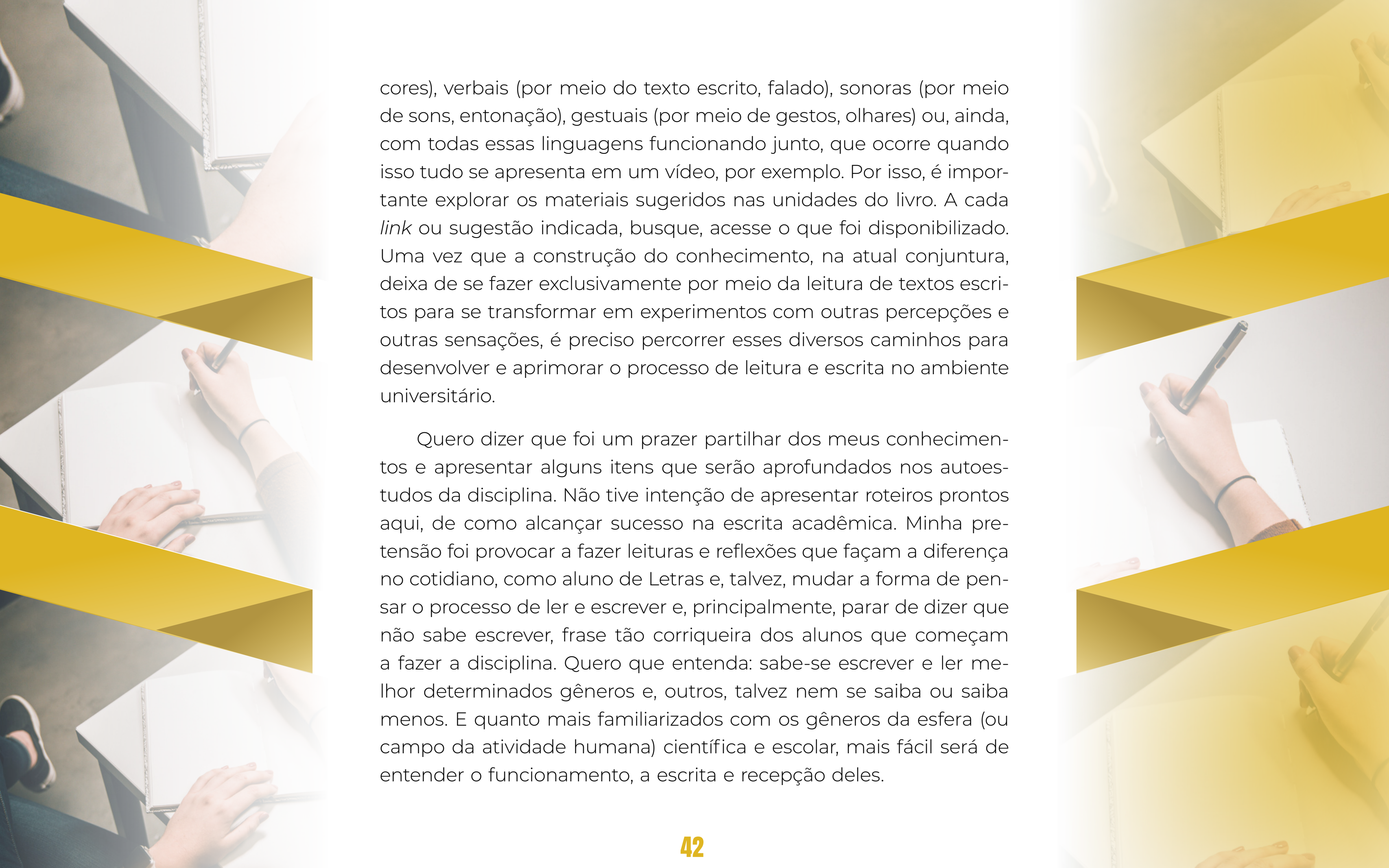
Em suma, a resenha é descritiva ou crítica. A descritiva só apresenta ao leitor o caminho que o autor do texto percorreu e os itens mais relevantes no texto resenhado, sem trazer informações que não estão dispostas na fonte. Já na resenha crítica, além da descrição, fica apontada a opinião do resenhista. Assim, o leitor da resenha, além das informações que contém no texto resenhado, tem acesso às que o autor da resenha julgou necessário acrescentar para o leitor, contribuindo com a própria opinião sobre o texto fonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar o presente livro, o objetivo foi introduzir o aluno à temática da escrita e da leitura na universidade, em especial para o curso de Letras, para dar a conhecer um pouco sobre os aspectos do letramento acadêmico. Para tanto, há reflexões sobre a tessitura de um texto, sobre o que se entende como um texto. A discussão foi conduzida para a temática dos gêneros do discurso, acerca do que seja gênero do discurso ou textual, como são pensados teoricamente mostrando que a definição depende muito da perspectiva teórica adotada.

Importa ao aluno de Letras entender que na universidade, desde que nela ingressa e durante toda a permanência, se é convidado a produzir gêneros orais, escritos, multimodais, desde uma apresentação em *Power point*, para utilizar em um seminário, até uma leitura ou elaboração de um artigo científico, uma resenha de um livro ou mesmo o fichamento de capítulo de livro estudado. Constantemente produz-se, se lê muito. Para mostrar o entendimento do lido, utiliza-se a sumarização, a síntese.

A partir dos aspectos pontuados até aqui, fica claro que a leitura e a produção no ambiente universitário requerem interlocução, constante diálogo, exploração de diferentes fontes de pesquisa, de várias tecnologias que permitem o uso de uma variedade de modos, de múltiplas linguagens, sejam visuais (por meio de imagens,



cores), verbais (por meio do texto escrito, falado), sonoras (por meio de sons, entonação), gestuais (por meio de gestos, olhares) ou, ainda, com todas essas linguagens funcionando junto, que ocorre quando isso tudo se apresenta em um vídeo, por exemplo. Por isso, é importante explorar os materiais sugeridos nas unidades do livro. A cada *link* ou sugestão indicada, busque, acesse o que foi disponibilizado. Uma vez que a construção do conhecimento, na atual conjuntura, deixa de se fazer exclusivamente por meio da leitura de textos escritos para se transformar em experimentos com outras percepções e outras sensações, é preciso percorrer esses diversos caminhos para desenvolver e aprimorar o processo de leitura e escrita no ambiente universitário.

Quero dizer que foi um prazer partilhar dos meus conhecimentos e apresentar alguns itens que serão aprofundados nos autoestudos da disciplina. Não tive intenção de apresentar roteiros prontos aqui, de como alcançar sucesso na escrita acadêmica. Minha pretensão foi provocar a fazer leituras e reflexões que façam a diferença no cotidiano, como aluno de Letras e, talvez, mudar a forma de pensar o processo de ler e escrever e, principalmente, parar de dizer que não sabe escrever, frase tão corriqueira dos alunos que começam a fazer a disciplina. Quero que entenda: sabe-se escrever e ler melhor determinados gêneros e, outros, talvez nem se saiba ou saiba menos. E quanto mais familiarizados com os gêneros da esfera (ou campo da atividade humana) científica e escolar, mais fácil será de entender o funcionamento, a escrita e recepção deles.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

AZEVEDO, J. C. **Letras e a comunicação; uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALTAR, M. A. R. *et al.* **Leitura e produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: https://uab.ufsc.br/portugues/files/2017/04/livro_EAD2.pdf. Acesso em: 01 fev. 2021.

BARBOSA, J. P. Do Professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: são os PCNs praticáveis? *In*: ROJO, R. H. R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J-P. El discurso como acción: Por un nuevo paradigma psicolingüístico. **Anuario de Psicología**. Universitat de Barcelona, 1992.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2003.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. *In*. BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 19-42.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letra, 2004.

GOMES, J. J. O gênero grafite no Ensino Médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, M. Análise linguística: por que e como avaliar. In: MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. (org.). **Avaliação em Língua Portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica/CEEL/MEC, 2006b, p. 95-110.

PLATÃO, F. & FIORIN, J. L. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: J. L. MEURER, J. L.; Bonini, A. & Motta-Roth, D. (org.), **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na Universidade**: fundamentos. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Claudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Denise Cristina Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

neonbrand/unsplash
Foto

Mar/2021